



Universidades Lusíada

Lima, Bernardo Pires de, 1979-

Eleições na Sérvia, Rússia, Espanha e Itália

<http://hdl.handle.net/11067/5168>

<https://doi.org/10.34628/jv4a-7c33>

Metadados

Data de Publicação	2007
Palavras Chave	Eleições - Sérvia, Eleições - Rússia, Eleições - Espanha, Eleições - Itália
Tipo	article
Revisão de Pares	yes
Coleções	[ILID-CEJEA] Polis, n. 13-16 (2007)

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-04-25T13:48:13Z com informação proveniente do Repositório

OBSERVATÓRIO ELEITORAL
(ELEIÇÕES NA SÉRVIA, RÚSSIA, ESPANHA E ITÁLIA)

Bernardo Pires Lima

Sérvia

Eleições Presidenciais – 1ª Volta (20 Janeiro 2008)

Candidatos	Partido	Votação (%)
Tomislav NIKOLIC	Partido Radical Sérvio (PRS)	1,646,172 (40.76%)
Boris TADIC	Partido Democrata (PD)	1,457,030 (36.08%)
Velimir ILIC	Partido Nova Sérvia (PNS)	305,828 (7.57%)
Milutin MRKONJIC	Partido Socialista da Sérvia (PSS)	245,889 (6.09%)
Cedomir JOVANOVIC	Partido Liberal Democrático (PLD)	219,689 (5.44%)
Istvan PASTOR	Coligação Húngara	93,039 (2.30%)
Milanka KARIC	Movimento "Poder da Sérvia"	40,332 (1.00%)
Marijan RISTICEVIC	Partido Nacional dos Pobres	18,5 (0.46%)
Jugoslav DOBRICANIN	Partido Reformista	11,894 (0.29%)
Nº Eleitores Inscritos		6,708,697
Nº Votos		4,116,844
Abstenção (%)		38,63%

Eleições Presidenciais – 2ª Volta (3 Fevereiro 2008)

Candidatos	Partido	Votação (%)
Boris TADIC	Partido Democrata (PD)	2,304,467 (51.19%)
Tomislav NIKOLIC	Partido Radical Sérvio (PRS)	2,197,155 (48.81%)
Nº Votos		4,580,428
Abstenção (%)		31,88%

Envoltas num clima extremamente sensível pela iminência da declaração unilateral do Kosovo, as eleições sérvias concentraram no seu debate duas posições bem distintas sobre o futuro da Sérvia. Por um lado, a via europeísta e atlantista de Boris Tadic, em busca de um segundo mandato. Por outro, o caminho proposto por Tomislav Nikolic de ruptura com as adesões à União Europeia e à NATO em função de uma perda da soberania sobre o Kosovo. É, também, ele um político com ligações a Moscovo e adepto de uma ligação mais assertiva com o Kremlin na esfera internacional. É certo que até Tadic esteve contra a perda do território de maioria albanesa, mas quis separar este assunto do futuro europeu da Sérvia. Aparentemente, a sua linha saiu reforçada. Esta confirmação só será dada pelo efeito dos resultados das eleições legislativas de 11 de Maio, onde o seu partido concorre com a mesma bandeira, contra o partido do ex-Primeiro-ministro Kostunica e os radicais de Nikolic.

Rússia

Eleições Presidenciais (2 Março 2008)

Candidatos	Partido	Votação (%)
Dmitry MEDVEDEV	Rússia Unida	52,530,712 (71.25%)
Gennady ZYUGANOV	Partido Comunista da Federação Russa (PCFR)	13,243,550 (17.96%)
Vladimir ZHIRINOVSKY	Partido Liberal Democrata da Rússia (PLDR)	6,988,510 (9.48%)
Andrey BOGDANOV	Partido Democrático da Rússia (PDR)	968,344 (1.31%)
Nº Eleitores Inscritos		107,222,016
Nº Votos		102,767,070
Abstenção (%)		4,15%

A vitória era há muito anunciada, dada a “nomeação” do Presidente Putin. Dmitry Medvedev venceu com toda a tranquilidade umas eleições marcadas pela diferença abissal de tempos de antena televisivos entre candidatos, pela máquina eleitoral do candidato do círculo próximo de Putin e pela legitimação do seu programa político. Medvedev é visto como um “liberal ocidentalizado”. Tem apenas 42 anos e foi até há bem pouco tempo vice-Primeiro-ministro e *chairman* do gigante mundial do gás, a Gazprom. Aparenta ter uma retórica menos estridente em relação ao Ocidente da tida nos últimos tempos por Vladimir Putin, o que, em certa medida, augura um levantamento no clima crispado que se vinha mantendo. No entanto, o poder de Putin continuará a pairar na condução do projecto político desta Rússia a caminho do reencontro com a sua história imperial. Pelo caminho, Putin comandará o governo, enquanto Primeiro-ministro, tutelando o regime do qual não se quer divorciar tão cedo.

Espanha

Eleições Legislativas (9 Março 2008)
Congresso dos Deputados

Partido	Votação (%)	Nº Eleitos
Partido Socialista Obrero Español (PSOE)	11,064,524 (43.64%)	169
Partido Popular (PP)	10,169,973 (40.11%)	154
Convergència i Unió (CiU)	774,317 (3.05%)	10
Partido Nacionalista Vasco (PNV)	303,246 (1.20%)	6
Esquerra Republicana de Catalunya	296,473 (1.17%)	3
Izquierda Unida	963,04 (3.80%)	2
Bloque Nacionalista Galego	209,042 (0.82%)	2
Coalición Canaria	164,255 (0.65%)	2
Unión, Progreso y Democracia	303,535 (1.20%)	1
Nafarroa Bai	62,073 (0.25%)	1
Nº Mandatos		350
Nº Eleitores Inscritos		33,875,268
Nº Votos		25,514,671
Abstenção (%)		24,68%

Senado

Partido	Nº Eleitos
Partido Popular (PP)	101
Partido Socialista Obrero Español (PSOE)	89
Entesa Catalana de Progrés	12
Convergència i Unió	4
Partido Nacionalista Vasco	2
Coalición Canaria	1
Nº Mandatos	208
Nº Eleitores Inscritos	33,875,268
Nº Votos	25,752,839
Abstenção (%)	23,98%

A bipolarização política foi patente ao longo da campanha. PSOE e PP reforçaram as suas votações, os seus mandatos parlamentares e “secaram” a influência dos pequenos partidos durante a campanha e na representação parlamentar. Mesmo sob o espectro da ETA, que veio a atentar contra a democracia com mais um assassinato em vésperas eleitorais, interrompendo a campanha, o Primeiro-ministro Zapatero seria reeleito depois de dois debates televisivos amplamente mediatizados, marcados pela polaridade entre posições sobre o terrorismo, a imigração, a economia e o desemprego. A memória histórica e a influência da Igreja Católica foram também centrais durante toda a campanha, ajudando a identificar com alguma clareza o espectro partidário reinante. O líder do PP, Mariano Rajoy, embora não tendo alcançado a vitória desejada, conseguiu aumentar o número de deputados e vencer para o Senado, optando por se manter na chefia do partido. Em Espanha passou a tradicional turbulência eleitoral, resta saber se a não existência de um governo de maioria absoluta do PSOE lhe retirará, ou não, capacidade de ação para a legislatura que se inicia.

Itália

Eleições Legislativas (13/14 Abril 2008)

Câmara dos Deputados (não estão contabilizados os votos do círculo da emigração)

Partido	Votação (%)	Nº Eleitos
Il Popolo della Liberta'	13.628.865 (37,39%)	272
Lega Nord	3.024.522 (8,3%)	60
Autonomia Sud	410.487 (1,13%)	8
Total Coligação Silvio Berlusconi	17.063.874 (46,81%)	340 (277)*
Partido Democratico	12.092.998 (33,17%)	211
Di Pietro Italia dei Valori	1.593.675 (4,37%)	28
Total Coligação Walter Veltroni	13.686.673 (37,54%)	239 (340)*
Unione di Centro	2.050.319 (5,62%)	36
SVP	147.166 (0,4%)	2
Nº Eleitores Inscritos	47,126,326	
Nº Votos	34,681,417	
Abstenção (%)	19,50%	
* Resultados nas eleições de 2006		

Senado

Partido	Votação (%)	Nº Eleitos
Il Popolo della Liberta'	12.510.306 (38,17%)	141
Lega Nord	2.642.167 (8,06%)	25
Autonomia Sud	355.076 (1,08%)	2
Total Coligação Silvio Berlusconi	15.507.549 (47,32%)	168 (153)*
Partido Democratico	11.042.325 (33,7%)	116
Di Pietro Italia dei Valori	1.414.118 (4,32%)	14
Total Coligação Walter Veltroni	12.456.443 (38,01%)	130 (148)*
Unione di Centro	1.866.294 (5,69%)	3
SVP - Insieme per L' autonomia	149.870 (0,5%)	2
SVP	97.658 (0,3%)	2
Vallée d' Aoste	29.186 (0,1%)	1
Nº Eleitores Inscritos		43.133.946
Abstenção (%)		19,50%
* Resultados nas eleições de 2006		

Com um sistema eleitoral que propicia a existência de um conjunto alargado de pequenos partidos e micro-listas em redor de uma figura política, a Itália tem sido vítima do seu próprio enquadramento eleitoral. Com uma média de um governo por ano desde o pós-guerra, oscilou entre uma estabilidade ilusória até ao início dos anos 90, com uma negociação permanente entre cinco grandes partidos. A partir do processo “Mãos Limpas”, inúmeros partidos foram obrigados a reformarem-se, outros desapareceram, outros ainda surgiram de rompante. Um deles, a Forza Itália, de Silvio Berlusconi, trouxe uma dinâmica empresarial para a política, onde também não foi alheia a experiência do seu líder no mundo audiovisual e dos negócios.

Mas estas eleições de 2008 mostraram sobretudo quatro aspectos sobre a actualidade política italiana. Primeiro, que se tornou insustentável a governação através de coligações governamentais preenchidas com inúmeros partidos. A coligação a treze, liderada entre 2006 e 2008 por Romano Prodi, caiu inevitavelmente pela recusa de apoio de um partido com apenas dois representantes no Parlamento. Segundo, a classe política italiana está não só envelhecida como tem dificuldade em apresentar novos rostos para as principais batalhas políticas. Terceiro, a viragem à direita na Câmara dos Deputados e no Senado deve muito ao crescimento dos partidos radicais regionalistas, como a Lega Nord ou o Movimento Autonomia Sud. É com este tipo de sensibilidades que Berlusconi e o eterno candidato a primeiro-ministro, Gianfranco Fini, terão que conviver ao longo da legislatura. Por último, é de salientar o fim da

representatividade parlamentar de partidos à esquerda herdeiros do socialismo e comunismo clássicos. Deixou de haver, em ambas as Câmaras, partidos com tal denominação, um sintoma das reformas social-democratas que se têm desenvolvido à esquerda um pouco por todo o Ocidente e às quais a Itália não foi, naturalmente, alheia.

Fontes:

IFES Election Guide (www.electionguide.org)

Ministerio del Interior Gobierno de España (www.elecciones.mir.es)

Central Election Commission of the Russian Federation (www.cikrf.ru)

Ministero dell'Interno Italiano (www.interno.it)